

TESSITURA SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE ARTICULADA COM A LUDICIDADE E AS QUESTÕES DE GÊNERO

Joana Nély Marques Bispo¹

RESUMO

Este trabalho tem o intuito de discutir o lúdico e as questões de gêneros na formação docente em dois cursos que oferecem habilitação para a docência na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental: Curso Normal (Ensino Médio) no Instituto de Educação Clélia Nanci e Pedagogia (Curso Superior) na Universidade do Estado do Rio de Janeiro/ Faculdade de Formação de Professores, situados em São Gonçalo no estado do Rio de Janeiro. Com referencial *teóricometodológico* pauta-se na metodologia nos/dos/com os cotidianos de Alves (2002 e 2008), em relação ao lúdico com Vygotsky (1984), Huizinga (2012), Kishimoto (2011 e 2016) e Santos (2001, 2011a e 2011b). Com a finalidade de estabelecer considerações sobre as questões de gênero, as autoras Louro (1997 e 2013), Auad (2006) e Sepulveda (2012). Para refinar estudos sobre a formação de professoras/es utilizaremos Bragança; Araújo (2014), Nóvoa (2000) com a tessitura do desenvolvimento pedagógico e Tardif (2014) que aborda os saberes docentes. E por fim, Sepulveda & Sepulveda (2019) para reflexões sobre a formação docente e o gênero. As principais contribuições da pesquisa de doutorado em andamento se referem ao investimento no estudo sobre lúdico e gênero associando ao processo *ensinoaprendizado* na perspectiva de uma ação afirmativa que pertence aos direitos humanos, a proposta que futuras/os professoras/es do Curso Normal e da Pedagogia tenham coprodução de conhecimentos sob o tripé formação docente-lúdico-gênero permeando a respeito da infância e, sobretudo a equidade de gênero das/os estudantes em nosso país. Além disso, este estudo propõe resguardar o direito do brincar como

¹ Doutoranda pelo Curso de Doutorado em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, bisjoana@gmail.com;

essência e papel pedagógico e, especialmente respeitar o processo formativo das crianças referenciando a escola como instituição social que cumpra seu papel de educadora na diversidade.

Palavras-chave: formação docente, lúdico, gênero.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho da pesquisa de doutorado em educação em andamento tem como intenção discutir o lúdico e as questões de gêneros na formação docente em dois cursos que oferecem habilitação para a docência na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental: Curso Normal (Ensino Médio) no Instituto de Educação Clélia Nanci (IECN) e Pedagogia (Curso Superior) na Universidade do Estado do Rio de Janeiro/ Faculdade de Formação de Professores (UERJ/FFP), situados em São Gonçalo no estado do Rio de Janeiro.

Os objetivos específicos são tecer a ludicidade associada as questões gênero no contexto educacional; enfatizar as práticas lúdicas educativas e seus entrelaces na formação docente e discorrer a respeito da relevância das atividades lúdicas no processo *ensinoaprendizagem*².

O referencial *teóricometodológico* pauta-se na metodologia nos/dos/ com os cotidianos de Alves (2002 e 2008), em relação ao lúdico com Vygotsky (1984), Huizinga (2012), Kishimoto (2011 e 2016) e Santos (2001, 2011a e 2011b). Com a finalidade de estabelecer considerações sobre as questões de gênero, as autoras Louro (1997 e 2013), Auad (2006) e Sepulveda (2012). Para refinar estudos sobre a formação de professoras/es utilizaremos Bragança; Araújo (2014), Nóvoa (2000) com a tessitura do desenvolvimento pedagógico e Tardif (2014) que aborda os saberes docentes. E por fim, Sepulveda & Sepulveda (2019) para reflexões sobre a formação docente e o gênero.

A justificativa desse trabalho se envereda no caminho de reforçar aulas com práticas lúdicas em que docentes proporcionem o entendimento sobre autonomia, direitos, igualdade de gênero, liberdade, socialização, respeito, autoestima, pois os aspectos psicológicos, sociológicos e pedagógicos fazem parte deste processo de *ensinoaprendizado*.

Por isso, a tessitura entre ludicidade e gênero na formação docente se faz necessária contando com o uso de brinquedos, jogos e brincadeiras nas infâncias no cotidiano escolar. O investimento na formação docente nessa vertente é destacado pela autora Santa Marli Santos (2001, p.14):

2 De acordo com a metodologia adotada a aglutinação de termos se torna essencial para a compreensão dos conceitos visto que são indissociáveis.

A formação lúdica deve proporcionar ao futuro educador conhecer-se como pessoa, saber de suas possibilidades e limitações, desbloquear suas resistências e ter uma visão clara sobre a importância do jogo e do brinquedo na vida da criança, do jovem e do adulto.

Portanto, é necessário o incentivo nos cursos de formação docente as práticas lúdicas educativas atribuindo as suas potencialidades e sobretudo o engajamento do/a professor/a para compreender o sentido e o significado do universo lúdico no cotidiano escolar abordando representações de papéis sociais conforme gênero.

Sendo assim, o uso de jogos, brinquedos e brincadeiras favorece o debate da igualdade de gênero desde as infâncias com a fundamental função de evitar a reprodução de estereótipos.

Segundo Sepulveda (2012, p.132) 'compreender a constituição desses sujeitos a partir da perspectiva de gênero, uma vez que percebo esta como constituinte das suas identidades', portanto, o gênero é elemento constituinte na formação dos sujeitos.

Neste sentido, a importância de atividades lúdicas no processo *ensinoaprendizagem* contribui para ações afirmativas voltadas para o respeito mútuo, a não segregação de gênero, a interação, a criatividade, a imaginação e a liberdade de expressão.

Nesta perspectiva, desmistificar valores sociais e refletir a respeito da infância que está imersa no universo lúdico e nas questões de gêneros dão encaminhamentos a pretensão da pesquisa que se caracteriza na mediação com alunas/os nos cursos referenciados: Normal (Ensino Médio) e Pedagogia (Educação Superior) no território gonçalense.

As diferenças e as desigualdades são construídas nas relações de poder, e é justamente no exercício delas que se teceram, ao longo da história, a visão de que mulheres e homens são diferentes. Todavia, essa diferença foi arquitetada como inferioridade, ou seja, as mulheres são seres naturalmente inferiores aos homens, estes sim vistos como superiores. A raiz da alegação social da diferenciação dos papéis atribuídos às mulheres e aos homens parte justamente da questão da naturalização entre os dois sexos (SEPULVEDA & SEPULVEDA, 2019, p.67)

Deste modo, convém o debate a respeito de gênero dentro da unidade escolar, *espaçotempo* formativo à luz da ludicidade, pois o brincar promove a construção de identidade e autonomia.

Para Scott (1995) o conceito de gênero é um elemento que se refere às “construções culturais”, à criação social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Ainda segundo a autora, o gênero:

[...] torna-se uma maneira de indicar “construções sociais” – a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. O gênero é, segundo esta definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado (SCOTT, 1995, p.7)

A discussão sobre as questões de gênero torna-se fundamental para haver a conscientização de que nenhum gênero é superior ao outro, para termos dias com menos desigualdade social e mais ações que priorizem o exercício da cidadania independente do gênero. Nesta perspectiva, é preciso se investir em um currículo que aborde elementos promovendo relações humanas respeitadas entre os gêneros. Entende-se assim que, o currículo deve ser centrado na produção de conhecimento onde as/os *praticantespensantes* imprimem suas reflexões e não em reprodução de conhecimento.

É importante afirmar que todas/os são iguais perante a lei segundo a Constituição de 1988 no capítulo I no Art. 5º:

Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no país a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: I – homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações. (BRASIL, 1988)

Portanto, as condições favoráveis para modificar os conteúdos simbólicos da cultura de desigualdade social em que vivemos são possíveis nas unidades escolares a partir de mediações pedagógicas dentro ou fora da sala de aula; permeando ações educativas que corroborem para a igualdade de gênero; e o universo lúdico é uma ferramenta pedagógica que auxilia neste cerne para o desenvolvimento humano. Ressalta-se que, o termo lúdico é um adjetivo masculino com origem no latim *ludos* que remete para jogos e divertimento.

Vale salientar que, o uso do lúdico é referenciado em documento oficial da educação em nível da Educação Infantil considerando-o como princípio do

processo *ensinoaprendizado*, denominado Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil criado em 2001, porém no Ensino Fundamental está irrisório nos componentes curriculares conforme foi verificado em pesquisas; inclusive na BNCC (Base Nacional Comum Curricular).

A escassez de estudos com tais temáticas revela que a fragilidade da discussão torna a pesquisa potente como representação de resistência aos moldes de ensino na busca da promoção de diferenças, distinções e desigualdades necessárias em nossa sociedade. O substanciar uma prática lúdica educativa que articula com as questões de gêneros no lecionar para meninas e meninos dos anos iniciais nos cursos de formação docente é fundamental.

A ausência da discussão sobre a formação docente e as questões de gênero no contexto educacional pode ser confirmada na premissa de Sepulveda & Sepulveda (2019, p. 89) “a maioria dos cursos de formação dx professx não trabalha com tais temáticas, estão voltados para os conteúdos cognitivos específicos de suas formações e não cogitam em lidar com os assuntos relacionados aos gêneros (...)”

Sendo assim, penso que o entendimento na formação de professoras/es em relação às questões de gênero deve ser apresentado para que as infâncias por meio do brincar ao associar os papéis sociais presentes em nossa sociedade priorizem o olhar sobre a igualdade de gênero.

Conforme a perspectiva do brincar embasada em Huizinga (2012) indica-se que quando uma criança brinca, faz de maneira compenetrada e com muita seriedade; afinal, as regras impostas nas brincadeiras necessitam ser respeitadas para se chegar ao objetivo, assim também como em jogos infantis e brinquedos. Portanto, o atendimento à regra faz parte da convivência humana, sendo assim as crianças desde pequenas aprendem e o lúdico tem grande participação nesse processo integrador.

A ludicidade se estiver presente no currículo escolar que é um sistema de valores sociais e de comportamentos, propicia práticas lúdicas educativas que configuram aos sujeitos formas diferenciadas de uma pedagogia onde os conhecimentos tendem a ser mais facilmente apreendidos, afinal o brincar faz parte do universo infantil, e ter esta consciência nos cursos de formação docente assegurar outras formas didáticas de trabalho. (BISPO, 2019)

No trabalho pedagógico com alunas/os, a imaginação marca presença e por isso Kishimoto (2011, p. 27) indica que “quando brinca, a criança toma certa distância da vida cotidiana, entra no mundo imaginário” nos levando a

compreender que na construção das representações o processo mental e o da realidade constituem dois movimentos intrínsecos na educação.

De acordo com a *professorapesquisadora* brasileira que enfatiza a ludicidade na educação, Santos (2011a, p.14) em sua obra literária “O lúdico na formação do educador”, reforça veemente o sentido da ludicidade para as/os professoras/es da Educação Básica, “a formação lúdica deve proporcionar ao futuro educador conhecer-se como pessoa, saber de suas possibilidades e limitações, desbloquear suas resistências e ter uma visão clara sobre a importância do jogo e do brinquedo na vida da criança, do jovem e do adulto.”

Deste modo, verificar práticas pedagógicas e registros oficiais na área da educação destacando o brincar e a relação de gênero das crianças na formação docente nos cursos Normal e de Pedagogia se faz presente para ponderar-se subsídios legais no preparo para a docência na Educação Básica, pois as/os professoras/es lidam diretamente com o desenvolvimento infantil e o processo formativo de cidadãos/ãos.

Afinal, como já apontou Louro (1997, p. 61) “as marcas da escolarização se inscrevem, assim, nos corpos dos sujeitos”, isso quer dizer que, dentro das unidades de ensino se impregna sinais que ficam latentes na vida dos sujeitos carregados de valores sociais visíveis nos comportamentos e nas expressões de pensamentos.

A pesquisa tem grande relevância na sociedade, pois discute o lúdico e as questões de gêneros no contexto escolar à luz da formação de professoras/es. Pode-se afirmar que, as relações de gênero foram e são construídas *sociohistoricamente*, por isso educar meninas e meninos requer muita seriedade para que estas/es tenham uma formação democrática, integradora, compromissada com o respeito ao ser humano, agregadora de valores sociais igualitários entre os gêneros, prazerosa; e principalmente promotora de saberes pois os sujeitos têm a oportunidade de construir conhecimento.

Para Auad (2006, p.20) “as relações de poder entre o masculino e o feminino foram sendo construídas socialmente ao longo da história”. Por esse motivo, o ensejo do mediar o desenvolvimento escolar do alunado de modo que possa colaborar para com cidadãos e cidadãos cientes de seus direitos e compromissados com relações pessoais respeitadas desde crianças.

Faz-se necessário o combate a qualquer tipo de preconceito para contribuir com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, sendo assim a importância de reforçar a igualdade de gênero no processo educativo atrelado

aos conhecimentos científicos na formação docente como visto imprescindíveis de aprimoramento e discussão conforme verificados em pesquisa acadêmica no mestrado em educação pela *professorapesquisadoraautora*, pois as temáticas são limitadas nos cursos de formação de professores/as.

A proeminência do estudo conduz em corroborar com duas temáticas essenciais ao processo *ensinoaprendizado* na perspectiva de uma ação afirmativa que pertence aos direitos humanos. Propiciar que futuras/os professoras/es do Curso Normal e da UERJ/FFP tenham coprodução de conhecimentos sob o tripé formação docente-lúdico-gênero permeando a respeito da infância e, sobretudo a equidade de gênero das/os estudantes em nosso país é fundamental nesta pesquisa.

De acordo com Louro (2013, p. 48) “uma perspectiva de contemplação, reconhecimento ou aceitação das diferenças” necessita ser exercida, principalmente nas instituições escolares, sendo assim implementar ações com relação ao desenvolvimento escolar das/os alunas/os preocupadas com o respeito as diferenças urge em nosso país. Dessa forma, os direitos humanos desde a fase infantil priorizam elementos em que meninas e meninos precisam usufruir.

Tratando-se da infância, o aspecto de direitos é significativo, por isso destaco o ato de brincar sendo um direito que deve ser garantido às crianças não apenas juridicamente, como é no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), mas também nas práticas educativas da infância. No capítulo II do ECA é abordado o direito à liberdade, ao respeito e à dignidade e, precisamente no inciso IV do artigo 16, é afiançado à criança e ao adolescente o direito à liberdade, reconhecendo o aspecto do brincar, praticar esportes e divertir-se.

Vale ressaltar a premissa que destaca Vygotsky no que se refere ao ato de brincar na infância:

Vygotsky já defende que brincar é a relação imaginária criada pela criança e afirma que o brinquedo é a representação física desse imaginário, pois o simples ato de brincar preenche as necessidades da criança e se altera com a idade, com os interesses que a criança passa a adquirir com o seu crescimento natural (ALMEIDA, 2013, p.34).

Portanto, resguardar o direito do brincar é expressamente apresentado por Vygotsky (1984), sendo explicado que o ato de brincar faz parte da fase da vida infantil, agindo como elemento necessário ao crescimento dos sujeitos sociais. Segundo o teórico, a criança brinca muitas vezes para compreender os papéis

que existem na sociedade, assim como assimila as funções que esses papéis exercem de acordo com o gênero.

É importante dizer também que a brinquedoteca se constitui como um *espaçotempo* de possibilidades com a garantia da ludicidade inclusive para a formação docente imprimindo saberes lúdicos, como foi possível observar na UERJ/FFP. Para Santos (2011b, p. 58):

Falar sobre a brinquedoteca é, portanto, falar sobre os mais diferentes espaços que se destinam à ludicidade, ao prazer, às emoções, às vivências corporais, ao desenvolvimento da imaginação, da criatividade, da autoestima, do autoconceito positivo, da resiliência, do desenvolvimento do pensamento, da ação, da sensibilidade, da construção do conhecimento e das habilidades.

Para o diálogo a respeito do processo formativo das crianças, o comprometimento com exercício da cidadania de cada aluna/o torna-se imprescindível para que a escola como instituição social cumpra seu papel de educadora na diversidade/diferença.

Considerar a formação docente para uma prática profissional é investir em concepções que propiciem novas formas de *ensinoaprendizado* incorporadas de inovações pedagógicas que refletem na sociedade.

A finalidade de uma epistemologia da prática profissional é revelar esses saberes, compreender como são integrados concretamente nas tarefas dos profissionais e como estes os incorporam, produzem, utilizam, ampliam e transformam em função dos limites e dos recursos inerentes à suas atividades de trabalho (TARDIF, 2014, p.256).

Reafirmando o compromisso com um processo *ensinoaprendizado* significativo preocupado com a igualdade social, esse estudo acadêmico sistematiza um olhar minucioso para com os sujeitos nos/dos/com o cotidiano escolar sob a ótica da formação docente/lúdico/gênero de acordo com as informações *teóricasmetodológicas*.

METODOLOGIA

A pesquisa em andamento está embasada na metodologia nos/dos/com os cotidianos de Nilda Alves (2002 e 2008) tendo como elementos da pesquisa imagens e narrativas. A escrita de termos aglutinados constitui como

elemento metodológico e epistemológico para que configure como sentidos indissociáveis e por isso no texto estão presentes. Constituída com uma abordagem qualitativa, a pesquisa possui como suporte procedimental as imagens e as narrativas por meio de conversas com alunas/os do 3º ano do Curso Normal no IECN (turma 3003) e uma turma do curso de Pedagogia na UERJ/FFP da disciplina Educação Infantil.

Segundo a metodologia nos/dos/com os cotidianos, os sujeitos da pesquisa são os *praticantes pensantes* e suas ações referenciam dados primorosos. Neste sentido, o uso do caderno de campo com registros do cotidiano se fez meio de análise no estudo acadêmico.

No cotidiano escolar é imprescindível que seja capaz de mergulhar inteiramente em uma determinada realidade (ALVES, 2008, p. 17), sendo assim fiz um mergulho profundo no lócus da pesquisa atingindo as temáticas já mencionadas nas duas instituições escolares gonçalenses.

Ao identificar por meio de imagens e narrativas o cotidiano escolar pode-se ressaltar dados da pesquisa de forma abrangente e significativa; permitindo investigar os *espaçotempos* e seus sujeitos com a finalidade revelar e construir saberes.

Neste aspecto, as narrativas assumem papel fundamental na pesquisa visto que:

As narrativas podem, assim, ser entendidas como processos de produção de discursos por meio dos quais expressamos aquilo que compreendemos/percebemos, aquilo em que acreditamos e que acreditamos existir (GARCIA e OLIVEIRA, 2010, p. 40).

As narrativas foram ouvidas, registradas e enfatizadas nos momentos de formação continuada das/os discentes do IECN e da UERJ/FFP através da tessitura das conversas com todas/os envolvidas/os: docentes e discentes.

Assumindo a imagem³ como instrumento metodológico, a *professora-pesquisadora autora* configurou a imagem como maneira de fazer o cotidiano assim como aponta Certeau (2012, p.40) indicando que através dos estudos de imagem “se pode apreciar a diferença ou a semelhança entre a produção da

3 Tenho autorização das imagens de cada participante na pesquisa que foi submetida ao comitê de ética da UERJ e a plataforma Brasil responsável pelo acompanhamento e permissões de pesquisadoras/es.

imagem e a produção secundária que se esconde nos processos de sua utilização.” Portanto, a percepção sobre imagem imprime sentidos, e nesse viés o registro imagético possui refinamento argumentativo.

Segui a orientação de Bragança (2021, p. 1) em problematizar a formação de professoras/es “buscando sentidos de uma epistemologia de formação que incorpore a vida dos sujeitos, em toda sua complexidade existencial, como componente fundamental do processo formativo.” Também assumi uma abordagem (auto)biográfica em contexto *autoformativo*, aprofundando a reflexão sobre uma escrita imprimindo as experiências, ressaltando o que me atravessou e me afetou no cotidiano escolar.

Entendendo a abordagem narrativa/autobiográfica como caminho potente e instituinte na trajetória de formação docente. Neste sentido, me remeto a Bragança; Araújo (2014, p. 142) que afirma ‘o sujeito ao narrar busca, no presente, a memória do passado em suas representações para reconstruí-la, transformá-la e, assim, progredir, avançar na visão do presente e no projeto de futuro’. Deste modo, realizo as reflexões relacionando o passado, o presente e o futuro como *professorapesquisadoraautora*.

Deste modo, o recurso imagético levou a produção de conhecimento tendo as imagens do passado compondo o presente e o futuro, apresentado assim a associação entre memória, narração e reconstrução de identidade. (BRAGANÇA, 2012).

Desta forma, associação entre a formação e a vida pessoal no *espaço-tempo* também é elencada por Nóvoa (2000, p.13) indicando que “a formação deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autónomo e que facilite as dinâmicas de auto-formação participada.”

Busco na escrita expressar as experiências salientando encontros com participantes da pesquisa em que não houve recusa nas turmas convidadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As principais contribuições da pesquisa se referem ao investimento no estudo sobre lúdico e gênero associando ao processo *ensinoaprendizado* na perspectiva de uma ação afirmativa que pertence aos direitos humanos, a proposta que futuras/os professoras/es do Curso Normal e da Pedagogia tenham coprodução de conhecimentos sob o tripé formação docente-lúdico-gênero

permeando a respeito da infância e, sobretudo a equidade de gênero das/os estudantes em nosso país.

Além disso, este estudo propõe resguardar o direito do brincar como essência e papel pedagógico e, especialmente respeitar o processo formativo das crianças referenciando a escola como instituição social que cumpra seu papel de educadora na diversidade.

Neste contexto, fiz o mergulho e selecionei os elementos informativos com *formandasparceiras* e *formandosparceiros* do IECN e da UERJ/FFP para tecer dados e demonstrar percursos realizados.

Deste modo, um olhar sobre o lúdico, as questões de gênero e a formação docente em uma escola pública no município de São Gonçalo, RJ foi traçado com a representação de um cenário vivido com participantes a partir de trechos da minha dissertação em educação.

Imagem 1 - Apresentação em lâminas sobre práticas lúdicas educativas e as questões de gênero



Fonte: ARQUIVO PESSOAL. Ano: 2022.

Busquei contribuir com a formação docente sempre trazendo à tona as temáticas: lúdico e gênero nas rodas de conversas. Nos encontros percebi o interesse e como foi potente os debates. Alunas/os mencionaram dúvidas, experiências enquanto estudantes na fase infantil e atual; além de rememorem suas vivências nos estágios da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental que inclusive pude acompanhar algumas/ns dando minha contribuição na construção de planejamentos de aulas e na execução.

Procurei enfatizar a potência que o lúdico traz às aulas de meninas e meninos nas unidades escolares. Sendo assim, as minhas narrativas simbolizavam aquilo que prático e pratiquei como professora e por isso relatava o que já havia realizado, exemplificando as práticas lúdicas educativas em turmas que lecionei e leciono.

As questões de gênero surgem ao longo das aulas quando refletimos sobre o que as crianças faziam com brinquedos, jogos e brincadeiras. Durante conversas refletimos sobre alguns questionamentos: Que tipo de brinquedos meninos e meninas usavam nas turmas que estagiaram? Como as crianças brincam nas aulas que estavam fazendo estágio? Que jogos eram oferecidos?

A igualdade de gênero permeava minhas falas e demonstração que é possível no ambiente escolar promover esse valor começando no ato de brincar. Evitar reforçar que meninas não podem ter acesso ou agir apenas pelo fato de serem meninas conforme é visto na sociedade com limitações embutidas, por exemplo, meninas ao brincarem com carrinho são criticadas. Assim como os meninos são recriminados por escolhas que fazem como por exemplo, quando brincam de fazer comida, com boneca. Nessa roda de conversa até a opção de meninos fazerem o Curso Normal e serem professor de crianças entrou em debate pelo fato do preconceito existente em nossa cultura.

Segundo Teixeira & Dumont (2009, p. 31):

A formação docente e as práticas pedagógicas sensíveis à problemática de gênero atentam para a construção e desconstrução de representações (...) em diferentes contextos educativos. Admite-se que a educação, os processos escolares e as ações docentes influenciam a equidade ou iniquidade de gênero (...)

Se tratando de cursos que formam docentes da Educação Básica, é pertinente o engajamento nas temáticas com caráter formativo para com as/os futuras/os professoras/es no município de São Gonçalo que contribua para ponderações no campo educacional; ressaltando o direito ao lúdico e a igual-

dade social com foco nas relações de gêneros na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano de escolaridade) no ambiente escolar, colaborando assim para que as crianças sejam realmente crianças exercendo a sua autonomia e a sua liberdade de expressão no processo *ensinoaprendizagem*, desprovidas de limitações ou até mesmo de cerceamento ao brincarem.

De acordo com Felipe (2008, p. 3):

(...) promover o debate no campo da educação em torno das desigualdades de gênero, bem como discutir e aprofundar os temas relativos à sexualidade, especialmente no que diz respeito à construção das identidades sexuais. Trata-se de discutir as relações de poder que se estabelecem socialmente, a partir de concepções naturalizadas em torno das masculinidades e feminilidades. As expectativas sociais e culturais depositadas em meninos e meninas, homens e mulheres, quando não atendidas, geram violências de toda a ordem. A escola, como um espaço social importante de formação dos sujeitos, tem um papel primordial a cumprir, que vai além da mera transmissão de conteúdos. Cabe a ela ampliar o conhecimento de seu corpo discente, bem como dos demais sujeitos que por ela transitam (professoras/es, funcionários/as, famílias, etc.). Para que a escola cumpra a contento seu papel é preciso que esteja atenta às situações do cotidiano, ouvindo as demandas dos alunos e alunas, observando e acolhendo seus desejos, inquietações e frustrações. Vivemos, na contemporaneidade, um tempo de rápidas transformações de toda a ordem. A escola não pode se eximir da responsabilidade que lhe cabe de discutir determinados temas (...)

Entender o papel da escola, o currículo e os/as estudantes no contexto atual, requer importante debate implicando dúvidas, certezas, inquietações e sobretudo a busca para o melhor esperado na docência. Por isso, as contribuições aplicadas sob conversas mantiveram-se significativas.

Imagem 2 - Professora, pesquisadora, autora e a turma 3003 no pátio do IECN



Fonte: Registro fotográfico de *professoraamiga* Treicy. Arquivo pessoal. Ano: 2022

Imagem 3- Turma em sala de aula debatendo ações lúdicas e esclarecendo dúvidas na roda de conversa.



Fonte: ARQUIVO PESSOAL. Ano: 2022

Imagem 4- Materiais brincantes na UERJ/FFP



Fonte: ARQUIVO PESSOAL. Ano: 2022.

Por meio de conversas trouxemos sugestões brincantes na UERJ/FFP tendo como base os objetos que poderiam ser usados. Narrativas que atribuíam a importância da ludicidade no universo infantil compuseram o enredo deste diálogo.

Integrar meninas e meninos brincando de forma coletiva era o pano de fundo; então, evitar a segregação e motivar a união entre gêneros têm suas possibilidades e potencialidades no momento brincante.

Entende-se que o gênero não importa para o brincar. Relatos de estudantes declararam esse ponto de vista, inclusive fazendo menção às infâncias com irmãos e colegas, assim como o uso de vários tipos de brinquedos não importando o gênero.

A estudiosa sobre brinquedos, jogos e brincadeiras, Kishimoto (2016, p. 183) declara que:

[...] ideias e ações adquiridas pela criança provêm do mundo social, incluindo a família e seu círculo de relacionamento, assim como convém do currículo apresentado pela escola com as ideias discutidas em classe, os materiais, os pares, os professores, a organização espacial de locais destinados às atividades escolares etc. Dependem, também, do currículo os conteúdos veiculados durante as brincadeiras infantis, os temas dessas brincadeiras, os materiais para brincar, as oportunidades para as interações sociais e o tempo disponível.

Na dinâmica da formação docente lúdica nos deparamos com a exploração de objeto, câmera fotográfica feita com a reutilização de resíduos, associado à sua funcionalidade no mundo real. Para Fortuna (2010, p. 109):

Na brincadeira somos exatamente quem somos e, ao mesmo tempo, todas as possibilidades de ser estão nela contidas. A brincar exercemos o direito à diferença e a sermos aceitos mesmo diferentes, ou melhor, a sermos aceitos por isso mesmo. Como brincar associa pensamento e ação. É comunicação e expressão, transforma e se transforma continuamente, é um meio de aprender viver e de proclamar a vida.

Imagem 5- A alegria de universitárias/os na UERJ/FFP ao brincar



Fonte: ARQUIVO PESSOAL. Ano: 2022.

É possível perceber o envolvimento de formandas/os da UERJ/FFP ao brincar com o balangandão. O movimento corporal com o brinquedo colorido propiciou a/ao futura/o educadora/or o autoconhecimento, o saber das possibilidades e limitações brincantes, o desbloquear suas resistências e sobretudo usufruir do prazer no processo *ensinoaprendizado*.

Segundo Luckesi (2007, p.18) “a ludicidade é o estado de quem se desenvolve, se integra, se constitui, toma posse de si, de modo alegre, fluido e feliz”, portanto a imagem acima representa esta premissa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste estudo foi mostrar a tessitura da ludicidade com as questões de gênero na formação docente do curso normal no IECN e no curso de Pedagogia na UERJ/FFP situados no município de São Gonçalo, estado do Rio de Janeiro.

Por meio de encontros com as turmas para debates sobre as temáticas em rodas de conversas, percebeu-se o envolvimento de cada estudante dos cursos docentes com o intuito de usarem jogos, brinquedos e brincadeiras em suas práticas pedagógicas.

O diálogo engajado proporcionou momentos de reflexões a respeito das infância no que tange o universo ludico para meninos e meninas dentro e fora da escola, inclusive narrativas de formandos/as mencionaram quando eram crianças rememorando suas lembranças.

O papel potencializador das práticas lúdicas educativas em classes de Educação Infantil e os anos iniciais do Ensino Fundamental permite que docentes em formação articulem os conteúdos didáticos no processo *ensinoaprendizado* sob a ótica da ludicidade e do gênero, visto que papéis sociais são representados por crianças e neste caso priorizar a igualdade de gênero se torna fundamental.

Tanto no IECN quanto na UERJ/FFP percebe-se que os cursos docentes abordam em seu currículo a ludicidade porém as questões de gênero não, deste modo foi essencial a tessitura da pesquisa favorendo ponderações com ações afirmativas sobre a educação sob a perspectiva de direitos humanos, imaginação, liberdade de expressão, criatividade, autonomia, autoestima; e sobretudo igualdade de gênero desde a infância.

Conclui-se que este trabalho representou que é possível tecer a infância, a formação docente, a ludicidade e o gênero permeando o ambiente escolar com a intenção de ter no processo ensinoaprendizado práticas pedagógicas fincadas na democracia e em uma sociedade mais justa.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Paulo Nunes de. **Educação lúdica: teorias e práticas**. São Paulo: Loyola, 2013.

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho — o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa; _____. **Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 13-38.

_____. **Sobre os movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos**. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa; Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: DP&A, 2008(a). p.42-58.

AUAD, Daniela. **Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola**. São Paulo: Contexto, 2006.

BISPO, Joana. **Práticas lúdicas educativas com o cotidiano da Escola Municipal Pastor Ricardo Parise em São Gonçalo, RJ**. Dissertação de mestrado em educação, RJ, 2019.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. **Histórias de vida e formação de professores: diálogos entre Brasil e Portugal**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.

_____. **A formação como “tessitura da intriga”: diálogos entre Brasil e Portugal**. Revista brasileira de estudos pedagógicos. Brasília, v. 93, n. 235, set./dez, 2021, p.1-15.

_____; ARAÚJO, Marice (orgs). **Experiências na formação de professores: memórias, trajetórias e práticas do Instituto de Educação Clélia Nanci**. RJ: Lamparina/FAPERJ, 2014.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988

_____. **Estatuto da criança e do adolescente**. Lei Federal 8.069 de 13 de julho de 1990. Niterói: Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, 2010.

_____. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/> Acesso em: 22 mar. 2021.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano-artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

FELIPE, Jane. Educação para a igualdade de gênero: proposta pedagógica. Boletim “Salto para o futuro” Educação para a igualdade de gênero, Ano XVIII- Boletim 26-novembro de 2008. disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/cadernos_tematicos/salto_futuro_educacao_igualdade_genero.pdf Acesso em 04 mai. 2023.

FORTUNA, Tânia Ramos. **Brincar com os diferentes e as diferenças- o potencial da brincadeira para a promoção da inclusão e transformação social**. In: OLIVEIRA, Vera Barris de; SOLÉ, María Borja i; FORTUNA, Tânia Ramos. Brincar com o outro: caminhos de saúde e bem-estar. RJ: Vozes, 2010.

GARCIA, Alexandra; OLIVEIRA, Inês Barbosa. Currículos praticados em tempos de globalização: o cotidiano escolar e seus condicionantes na criação de alternativas emancipatórias. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa. **Práticas cotidianas e emancipação social**: do invisível ao possível. Petrópolis, RJ: DP et Alii, 2010.p. 37-53.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**: o jogo como elemento da cultura. SP: Perspectiva. 2012.

KISHIMOTO, Tizuko M. (org.) **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 14 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **Jogos e brincadeiras tempos, espaços e diversidade**. São Paulo: Cortez, 2016.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. Currículo, gênero e sexualidade- o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vllodre.(org) **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 9ª ed. RJ: Vozes, 2013.

LUCKESI, Cipriano. Ludicidade e desenvolvimento humano. In: MAHEU, Cristina D’Ávila. (orgs). **Educação e ludicidade**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, Faculdade de educação, GEPEL, 2007. p. 11-19.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. (Org). **A ludicidade como ciência**. Petrópolis. RJ: Vozes. 2001.

_____. **O lúdico na formação do educador**. 9ªed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011a.

_____. **Brinquedoteca a criança, o adulto e o lúdico**. 7ª ed.Petrópolis, RJ: Vozes, 2011b.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v.20, n 2, 1995, p.71-99.

SEPULVEDA, Denize. **Emancipação social e exclusão no cotidiano escolar**: a homofobia e sua influência nas tessituras identitárias. Tese (Doutorado em Educação). RJ, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2012.

_____ & SEPULVEDA. **Trabalhando questões de gêneros: Criando e recriando currículos para a valorização do feminino.** *Periferia*, v. 11, n. 4, p. 58-80, set./dez.2019. Disponível em: <https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/42273/31677> Acesso em 18 jun. 2022.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** 17 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.p. 177-195.

TEIXEIRA, Adla Betsaida & DUMONT, Adilson. **Discutindo relações de gênero na escola:** reflexões e propostas para a ação docente. Minas Gerais: Junqueira&Marin, 2009.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes. 1984.